



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos,
raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas, ribeirinhos e
desigualdades**

TERREIROS DE CANDOMBLÉ: LUGAR DE (RE)EXISTÊNCIA E IDENTIDADE NEGRA-BRASILEIRA

MIRELLA FARIAS ROCHA¹

IZAMARA FERREIRA²

RESUMO:

O presente trabalho desenvolve um estudo dialético com o objetivo central de destacar a importância dos terreiros de candomblé como espaços de resistência política coletiva, re-existência negra e preservação da identidade e da cultura. A pesquisa é de base bibliográfica histórico-crítica, contando também com a escrevivência das autoras, mulheres negras iniciadas no candomblé e pesquisadoras do tema.

Palavras-chave: Colonialismo; Terreiros de Candomblé; Resistência; Identidade; Cultura

ABSTRACT:

This paper develops a dialectical study with the central aim of highlighting the importance of candomblé terreiros as spaces of collective political resistance, black re-existence and the preservation of identity and culture. The research is based on a historical-critical bibliography, and also relies on the writings and experience of the authors, black women initiated into candomblé and researchers on the subject.

Keywords: Colonialism; Domestication; Candomblé Terreiros; Resistance; Identity; Culture

¹ Escola de Serviço Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro

² Escola de Serviço Social / Universidade Federal do Rio de Janeiro

Introdução

O presente trabalho parte da análise do controle cultural-ideológico europeu na América Latina, enfatizando o papel da Igreja católica na legitimação da escravização, para tematizar o impacto violento à identidade, memória coletiva e cultura das pessoas negras e indígenas, enquanto estratégias de domesticação e controle perpetrada pelo colonialismo. O objetivo central é destacar a importância dos terreiros de candomblé como espaços de resistência política coletiva, re-existência humana e preservação da identidade e da cultura negra-brasileira.

A metodologia baseia-se em estudo crítico-dialético com pesquisa de base bibliográfica, a partir da análise de textos históricos, obras literárias e estudos acadêmicos, contando também com a escrivência das autoras, ambas mulheres negras iniciadas no candomblé e pesquisadoras do tema. Cabe referenciar que nossa dialética abarca os saberes populares tal como registrados nas cantigas de caboclo das macumbas brasileiras, ao referenciar em movimento coletivo e em roda que tem o lê-lê-lê - onde todo o grupo dança para uma direção - mas tem também o lá-lá-lá - onde todo o grupo dança para a direção contrária, ou seja, considera o ser, seus contrários e suas sabenças, entendendo que respeitar e referenciar esses conhecimentos transmitidos em territórios tradicionais por mestres e mestras é um exercício de afirmação de direitos humanos, bem como de valorização de paradigmas epistemológicos e éticos que muitas vezes são negligenciados pela academia.

Cabe sinalizar que as reflexões partilhadas nessa comunicação são provenientes de análises desenvolvidas no bojo dos projetos de ensino, pesquisa e extensão do Programa de Educação Tutorial Conexões “Projeto Político Pedagógico de Tutoria” da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bem como parte delas constam sistematizadas no Trabalho de Conclusão de Curso de uma das autoras, defendido na Escola de Serviço Social da UFRJ no semestre 2023/2 e outra parte consta da sistematização de reflexões a partir da experiência docente na disciplina Sociedade, Cultura e Identidades (ESS/UFRJ), que uma das autoras leciona desde o ano de 2023.

A influência do colonialismo no apagamento e subalternização da identidade negra-brasileira, bem como na folclorização da sua cultura, cumpriu importante papel para a conservação das desigualdades sociais e raciais tanto na sociedade colonial quanto no capitalismo dependente que se desenvolveu após a escravização, razão pela qual se constitui em problema central nesta pesquisa; bem como os terreiros de candomblé, que referenciamos como



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

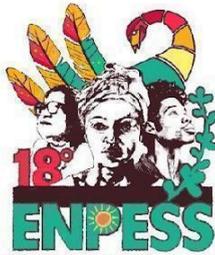
estratégia de resistência e re-existência ético-política para essas populações, que ainda hoje seguem sendo marginalizadas e atacadas. Quase metade dos terreiros do país registro até cinco ataques nos últimos dois anos, conforme evidenciou pesquisa da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras (2022), dado que mostra a relevância do tema para a área do serviço social.

Ademais, este estudo se mostra relevante para identificar e nomear onde surgem e como se perpetuam as dinâmicas de poder, de violência e discriminação; a força da colonização e seus desdobramentos na sociedade contemporânea. Investiga-se o impacto do colonialismo na identidade negra e memória coletiva do Brasil enquanto sociedade colonizada, a partir das diversas estratégias violentas de domesticação, para que se possa contribuir para uma perspectiva outra no que diz respeito aos direitos humanos e a construção de uma sociedade emancipada, conforme preconiza o projeto ético-político da profissão.

Com isso, esse trabalho espera contribuir para uma ampliação sobre as implicações das relações de poder, violência simbólica, concreta e cultural que surgem juntamente da colonização e reverberam até os dias atuais. Ainda, atestar o lugar dos terreiros de candomblé, que se configuram como espaços de re-existência, acolhimentos, (re)orientação e exercício político de solidariedade e coletividade, é afirmar sua potência na preservação da identidade negra-brasileira e no cuidado de uma população que por séculos enfrenta negligências por parte do Estado e das políticas públicas, cada vez mais deficitárias no atual contexto ultraneoliberal.

Desenvolvimento

Observando a história das Américas, identificamos que a colonização estabeleceu formas muito eficazes de domesticação e imposição e apagamento cultural sobre os povos originários e os sequestrados de África. Assim, ocorrem significativas modificações na identidade do colonizado, nas memórias coletivas e nas culturas locais. Demarcamos aqui o papel fundamental da religião, da Igreja Católica principalmente, na escravização e no controle europeu.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Nego Bispo³ (2015), em *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*, analisa uma das técnicas de imposição de dominação utilizada pelos colonizadores, a estratégia de domesticação a partir desses métodos de violência. Uma quebra da identidade do sujeito para o coisificar e desumanizar: a ontologia do ser, em que se busca destruir para impor a noção do ser do colonizador. A estratégia delineada por Bispo (2015) para impor o colonialismo reflete a mentalidade do colonizador, que usa violência e destruição para impor sua visão cultural sobre os povos locais. Ao empregar não só violência física, como também a destruição das estruturas sociais e a imposição de práticas discriminatórias, garante-se a supremacia da cultura do colonizador. Ou seja, é estabelecida uma relação de poder desproporcional, na qual o colonizado é subalternizado. O resultado dessa prática é a perda de identidade individual, local e da memória coletiva, com o agravante da internalização dos estereótipos atribuídos pelo colonizador.

A colonização descrita por Bispo (2015) implica necessariamente na sobreposição da cultura do colonizador sobre a do colonizado. Nesse sentido, a religião pode vir a se tornar uma ferramenta de controle. Uma vez que a religião e a visão de mundo é deturpada, as sociedades colonizadas passam a ser controladas politicamente e economicamente, além de ter suas crenças e identidades moldadas ao interesse do colonizador.

Para compreender mais profundamente essa relação entre religião, poder e colonialismo europeu, recorreremos ao pensamento da autora Marimba Ani⁴ (1994), conforme apresentado no capítulo “Religião e Poder”, de sua obra “Yurugu - Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Cultural Europeus”, recorrendo à cosmogonia Dogon (Mali), analisa os fundamentos da cultura europeia e as consequências da imposição global dela. No capítulo em questão, a autora destaca a complexa e multifacetada relação entre religião e poder na experiência europeia, ao examinar essa dinâmica, ressaltando tanto a força quanto a fraqueza da religião institucionalizada na Europa ao longo da história.

Marimba Ani (1994) argumenta que a religião europeia ter sido utilizada como uma ferramenta para suportar objetivos imperialista, isto é, ao longo dos séculos, a religião europeia foi instrumentalizada para legitimar o domínio político e cultural, como observado pela autora

Mas nenhuma outra civilização tem sido tão bem sucedidamente imperialista.
Nenhuma outra usou sua religião institucionalizada de forma pragmática no

³ Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nêgo Bispo, foi um poeta, escritor, professor e ativista político brasileiro. Bispo foi das principais vozes do pensamento das comunidades tradicionais do Brasil

⁴ Marimba Ani é Dona Richards, uma antropóloga e estudiosa da filosofia e epistemologia afroreferenciadas. Ela é mais conhecida por sua obra “Yurugu”, uma crítica abrangente da cultura e pensamento europeus, e por ter cunhado o termo “Maafa” para o holocausto africano.

suporte de seus objetivos imperialistas. O déficit espiritual não parece contar muito, se alguém está compelido com o domínio mundial. (ANI, 1994, p.191).

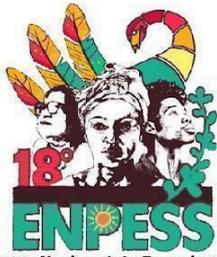
Na busca pelo domínio mundial, a religião em harmonia com a racionalidade, declinou a identidade europeia e seu desempenho em relação ao poder. No entanto, Marimba Ani (1994) traz a luz as diferenças que observa entre as religiões europeias e as religiões não-europeias, como as africanas, enfatizando que estas últimas não fazem uma separação de intelecto, emocional e espiritual no que diz respeito à cultura, fazendo com que essas pessoas possuam uma segurança emocional que falta à religião europeia. Por crer na superioridade religiosa, através da dita racionalidade, as religiões europeias não alcançarão valores como harmonia e comunhão entre ancestrais e universo, como enfatizado nas não-europeias.

No que diz respeito à colonização brasileira, observamos o papel fundamental da Igreja Católica nesse processo, que formou aliança com os colonizadores europeus em troca de expandir sua influência de forma social-moral.

Oficialmente, a Igreja condenava oficialmente a escravização dos povos originários e africanos sequestrados de África e defendia a igualdade de todos os seres humanos perante Deus. No campo das ações concretas, líderes da Igreja endossaram o discurso de desumanização a esses povos imposto pela colonização. Para exemplificar, temos a bula pontifícia de 1455, emitida pelo Papa Nicolau V. Nesta bula, o Papa concedeu a Portugal o direito de "invadir, perseguir, capturar, derrotar e submeter todos os sarracenos e quaisquer pagãos e outros inimigos de Cristo". Com isso, a escravização é legitimada pelo discurso de expandir a fé cristã e consolidação do domínio europeu sobre "terras descobertas".

Consequentemente, a bula de 1455 afeta negativamente o rumo e a história da África e da América, ao abrir caminho para a livre exploração e todo tipo de violência contra os povos desses continentes. Ademais, a partir disso, são estabelecidos os mecanismos de acumulação de riquezas europeia, incluindo a apropriação de terras indígenas. Essas invasões não apenas contribuem para acumulação de capital, como também consolidam o domínio europeu sobre as áreas "descobertas", logo, aptas à colonização.

É importante destacar a influência política e cultural da Igreja Católica na colonização da América Latina. Além de legitimar a escravização, a Igreja contribuiu arduamente para a dispersão do controle europeu e da fé cristã na região. Além da influência religiosa, molda profundamente a política e a cultura da sociedade latino-americana ao parâmetro colonial.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Abdias Nascimento⁵ (2016), no livro “O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado”, investiga as profundas questões do racismo no Brasil, argumentando que o país não apenas tolera, mas também perpetua o racismo. Nesta obra, o autor trata sobre a referida influência, em que foi atribuído ao regime escravocrata uma benevolência e humanidade ao considerar sua relação com essa vertente do cristianismo, diferente das colônias inglesas. Quando “em verdade, o papel exercido pela Igreja Católica tem sido aquele de principal ideólogo e pedra angular para a instituição da escravização em toda sua brutalidade.” (p. 62). No entanto, essa suposta benevolência e humanidade era apenas uma forma de mascarar a violência e a exploração que os escravos sofriam nas mãos dos colonizadores. Sobre isso, Nascimento (2016) acrescenta a percepção dos escravizados

Os menos enganados pelos vários mitos tecidos em torno à escravidão no Brasil foram os africanos, que conheciam na própria pele as influências “mitigadoras” da Igreja Católica e as benevolências” do português. Desde o início da escravidão, os africanos confrontaram a instituição, negando fatalmente a versão oficial de sua docilidade ao regime, assim como sua hipotética aptidão natural para o trabalho forçado. Eles recorreram a várias formas de protesto e recusa daquela condição que lhes fora imposta, entre as quais se incluíam o suicídio, o crime, a fuga, a insurreição, a revolta. (p. 70-71).

A partir da consciência dos escravizados, o mito da benevolência da Igreja Católica se desfaz, dando vez ao seu verdadeiro papel: influenciar os valores e as crenças dos escravizados e contribuir para a formação de uma sociedade profundamente religiosa e conservadora. Assim, a Igreja fortalece as estruturas de poder e dominação europeia, com base na hierarquia entre os seres humanos a partir de características como raça e cultura. Dessa forma, não restam dúvidas do papel da Igreja Católica na colonização da América Latina, uma instituição que contribuiu para a exploração e a opressão dos povos colonizados.

Apenas para elucidar o que estamos dizendo, a Constituição de 1824 estabeleceu o catolicismo como religião oficial. Isso demarca um lugar social-moral na história e demonstra a persistência das estruturas de poder estabelecidas durante o período colonial. Assim, mesmo após o fim da escravização e a transição para um Estado republicano, observamos como que a Igreja teve apenas o papel de disseminar os valores eurocêntricos, com o uso da catequese, por exemplo, contribuindo para a construção de uma identidade social brasileira assinalada pela religiosidade e conservadorismo.

⁵ Abdias Nascimento foi um proeminente líder afro-brasileiro, artista, ativista dos direitos civis e políticos. Sua trajetória inclui uma longa carreira como artista e ativista, durante a qual ele abordou questões de desigualdade racial, discriminação e racismo sistêmico no Brasil.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Mais adiante, já no período Brasil imperial, a relação entre Estado e religião desempenhou um papel central na vida cotidiana e na legislação do país. Um exemplo marcante desse contexto é o artigo 276 do Código Criminal de 1830, que considerava uma ofensa religiosa, moral e contra os bons costumes o ato de celebrar o culto de outra religião que não fosse a do Estado. De forma muito direta, a religião dominante, com apoio do Estado, era, e se fazia ser, a única permitida e qualquer prática religiosa distinta era cabível de punição.

O artigo 278 também se mostra muito relevante para esta análise, já que proibia a propagação de doutrinas que negassem a existência de Deus e a imortalidade da alma. O que afeta negativamente as práticas socioculturais afro-brasileiras e outras não-cristãs, pois a “história” da Criação varia de acordo com cada filosofia de vida. Ou seja, outra forma punitivista para as práticas que possuíam crenças e condutas distintas da forma social cristã predominante, especialmente em relação à concepção de divindades e à espiritualidade. Assim, esse era um dos dispositivos legais com potencial para reprimir e/ou criminalizar as práticas sócio-culturais afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, que incorporavam elementos espirituais e crenças diferentes do cristianismo predominante.

Apenas esses exemplos evidenciam como a legislação da época era um reflexo da força do cristianismo no Brasil imperial, amparado legalmente em detrimento de outras práticas religiosas e culturais. Uma vez estabelecida como religião oficial do Estado - ainda que esse status seja formalmente alterado depois, o catolicismo passa a exercer controle sobre a vida religiosa e cultural do país, perpetuando assim a hegemonia cristã e reprimindo a diversidade religiosa e cultural.

Sob estas circunstâncias, de uma estrutura colonial persistente nas Américas, é oportuno recorrer a uma abordagem contracolonial na compreensão dos direitos humanos. No capítulo 'Por uma concepção amefricana de direitos humanos' do livro “Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais”, Thula Pires⁶ (2020) enfatiza a necessidade de reconceitualizar a noção de humanidade, rompendo com a colonialidade, a fim de confrontar as sistemáticas violências enfrentadas pelas populações marginalizadas.

A autora intervém pela implementação de estudos contracoloniais e pela ampliação de epistemologias, culturas, políticas e economias marginalizadas. Ao questionar o eurocentrismo e propor alternativas para a compreensão do poder e do conhecimento, ressalta a necessidade

⁶ Thula Pires é uma estudiosa renomada no campo dos estudos decoloniais, com foco em questões relacionadas à raça, gênero e direitos humanos. Com base em suas origens brasileiras, ela se dedica a desafiar perspectivas eurocêntricas e a desvendar as estruturas coloniais de poder nas Américas.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

premente de incorporar perspectivas das tradições indígenas e africanas previamente silenciadas, visando a uma compreensão mais inclusiva e justa dos direitos humanos.

As reflexões da autora sobre a necessidade de desafiar esses paradigmas eurocêntricos e estruturas coloniais de poder ressoam profundamente nesse contexto. Ao enfatizar a importância de reconceitualizar a noção de humanidade e incorporar perspectivas marginalizadas, Pires nos convida a questionar as narrativas dominantes que sustentam a hierarquia de poder na sociedade.

Os corpos que foram escravizados, expropriados de sua memória, forma de vida e dignidade são os mesmos que atualmente continuam sendo alvo das mais variadas formas de representação da violência de Estado. Objetificados, desumanizados, infantilizados, docilizados, muitas são as expressões que denunciam o tratamento conferido aos que estão do lado de cá da linha abissal pelo projeto moderno colonial, cujo legado permanece submetendo os mesmos corpos a formas atualizadas de desrespeito. (PIRES, 2020, p. 308).

A citação acima destaca como os mesmos corpos escravizados seguem marginalizados. Bem como a forma que as estruturas coloniais permeiam nossa sociedade, apenas atualizando suas formas de violação.

A ligação entre a análise da influência da religião na colonização e as reflexões de Pires (2020) sobre a descolonização dos direitos humanos está clarificada: ambas apontam para a necessidade de reconhecer e confrontar as injustiças históricas que continuam a moldar as relações de poder contemporâneas. Ao integrar suas reflexões, somos levados a reconhecer a profundidade do impacto das legislações coloniais e pós-abolição na vida das comunidades afro-brasileiras e indígenas, bem como a urgência de desafiar esses legados de opressão e injustiça. Suas concepções oferecem uma lente crítica para analisar o passado colonial e suas reverberações no presente. Logo, é fundamental considerar a riqueza cultural africana e sua profunda influência nos territórios americanos.

Leda Maria Martins⁷ (2021) ressalta de que modo a riqueza cultural africana exerce uma influência profunda e duradoura nos territórios americanos, revelando-se através de expressões artísticas e constructos culturais que resistiram aos séculos de sistemática repressão social e cultural. A diáspora circum-atlântica e outros contatos transculturais não apenas transportaram a memória africana para as Américas, mas também proporcionaram uma contínua e engenhosa adaptação dessa herança em face das adversidades.

⁷ Leda Maria Martins é uma renomada pesquisadora da cultura afro-brasileira, ela ergue-se como uma torre de contribuições significativas nos campos do teatro, performance, literatura e culturas populares da diáspora africana.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Por meio de seus múltiplos e rizomáticos palimpsestos, África engravida as Américas, pois, como afirma o Velho Português, um dos narradores de *A varanda do frangipani*, de Mia Couto, "África rouba-nos o ser. E nos vaza de maneira inversa: enchendo-nos de alma" (p. 45). Nas Américas muitos dos princípios basilares da gnose negra, suas epistemes e todo um complexo acervo de conhecimentos e de valores foram reterritorializados, reimplantados, refundados, reciclados, reinventados, reinterpretados, nas inúmeras encruzilhadas históricas derivadas dessas travessias.

A autora acrescenta a perspectiva de Joseph Roach, de valorizar a performance em contraposição à suposta primazia da escrita e do discurso verbal, adiciona camadas significativas à compreensão dessa herança cultural. As performances rituais, cerimônias e festejos não são apenas representações simbólicas, mas ambientes férteis de memória, onde ações, padrões e procedimentos culturais são recriados, restituídos e expressos no corpo. Nessa abordagem, a performance transcende a mera reiteração de uma ação; ela é a própria ação, uma manifestação viva da tradição. Assim, "Nessa perspectiva o ato performático ritual não apenas nos remete ao universo semântico e simbólico da dupla repetição de uma ação re-apresentada, mas constitui, em si mesmo, a própria ação." (p. 47).

Nesse sentido, a obra de Wanderson Flor do Nascimento⁸ (2016), "Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis", amplia nossa compreensão sobre as manifestações vivas das tradições: as práticas filosóficas nos candomblés.

Nascimento (2016) explora como o Candomblé influenciou as Américas. Ele mostra que o Candomblé não é apenas uma religião, mas uma tradição multifacetada que desafia definições simples. Nascimento enfatiza como o conhecimento é transmitido oralmente e como isso é importante para entender essa tradição. Assim, ao entendermos como as culturas africanas influenciaram as Américas, percebemos que essa conexão continua a moldar o mundo hoje. O autor nos leva a pensar sobre o que significa o "caminho" nos candomblés. Não é só uma estrada; é como a vida se desenvolve, uma jornada constante de mudanças. Exu e Ogum, orixás ligados aos caminhos, têm esse conhecimento, que vai além do físico e inclui coisas como palavras, encruzilhadas, guerras e tecnologia.

Nos terrenos de candomblé, a filosofia não é só sobre religião, mas também sobre entender a vida. Eles têm respostas complexas para nossas questões mais difíceis. O caminhar

⁸ Wanderson Flor do Nascimento, graduado, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de Brasília - UnB, é professor em diversos programas da instituição.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

não é só andar; é uma jornada que nos transforma. O "caminho" nos candomblés não é só sobre ir de um lugar para outro; é uma forma de entender a vida de maneira coletiva e transformadora. Essas tradições não só nos ajudam a lidar com nossos problemas, mas também nos fazem questionar e pensar desde um outro lugar ontológico e cosmológico de humanidade. Outrossim, fala sobre como é importante não simplificar ou exotizar essas tradições. Precisamos entendê-las melhor para combater o racismo religioso. A demonização dessas práticas não é só sobre religião; é também sobre negar a humanidade dos povos e comunidades tradicionais afro-brasileiros.

Enquanto Nascimento (2016) destaca a importância dos candomblés na formação da identidade e resistência cultural dos afrodescendentes, Muniz Sodré⁹ (2019) amplia essa reflexão ao apresentar os terreiros como espaços fundamentais não apenas para a prática religiosa, mas também para a construção de poder e resiliência em meio às históricas opressões. Ambos os autores convergem ao reconhecer a relevância dos terreiros não apenas como espaços religiosos, mas como verdadeiros pilares da cultura afro-brasileira, onde se manifestam a resistência, a resiliência e a busca por autonomia e reconhecimento.

Na obra "O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira", Sodré (2019) ressalta o papel fundamental do terreiro de candomblé como expressão social central da comunidade afro-brasileira, especialmente na ótica dos antigos escravizados - a forma social negro-brasileira. Para além de serem espaços de prática religiosa, os terreiros representam fontes intrínsecas de poder e resiliência para uma comunidade que enfrenta desafios de cidadania em meio a profundas desigualdades sociais. A singularidade desses terreiros em relação ao contexto europeu revela elementos marcantes da subjetividade histórica das classes subalternas no Brasil.

Sodré (2019) destaca que os terreiros, como locais onde se desenrola um jogo cósmico, transcendem as pressões adversas, tornando-se lugares de resistência e afirmação de identidade e cultura, onde o "axé" dos escravizados e seus descendentes é um elemento central. O autor reflete sobre as transformações culturais e as negociações implicadas na diáspora africana, evidenciando como as culturas negras enfrentam descaracterização e expropriação, mas também encontram maneiras de reivindicar territórios simbólicos e afirmar suas identidades. Sua análise vai além de uma visão meramente existencialista, encontrando na experiência socioeconômica subalterna dos negros ligados aos terreiros uma forma de "lateralidade" espacial, uma resistência e uma capacidade de se adaptar às mudanças no tempo social.

⁹ Muniz Sodré é Oba Aressá no Ilê Axé Opô Afonjá, sociólogo, jornalista, tradutor e professor universitário brasileiro



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A lição do terreiro é a do convívio de diferenças sem a perda da perspectiva de fundo com um. Foi assim que a diversidade étnico-política africana não impediu que se divisasse, na diáspora, uma totalidade na diferença com o Ocidente europeu. Existem atitudes - ainda que os conteúdos sociorritualísticos difiram entre si - comuns à maioria dos povos da África, que permitem falar, com extrema cautela, de um "homem africano", isto é, do sujeito de um paradigma civilizatório não prometido, não dissociado de uma ordem cósmica, não criadora de oposições radicais entre sujeito e objeto, mas francamente territorializante. Em outras palavras, um paradigma que inscreve no corpo das regras culturais o imperativo do limite. (SODRÉ, 2019, p. 65).

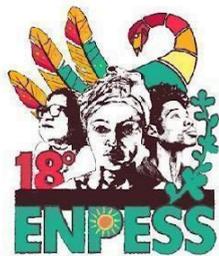
Assim, observamos a valorização dos terreiros de candomblé como espaços de resistência política, valorização cultural, cuidado e espaço de possibilidade de exercício ético outro. Destacando sua importância na preservação das tradições e identidade negra-brasileira, bem como ampliando essa perspectiva ao evidenciar a capacidade dos terreiros de transcenderem as adversidades sociais, constituindo-se como locais de poder e soberania para uma comunidade que historicamente enfrentou marginalização e opressão.

Considerações finais

Segundo Marimba Ani (1994), a cultura imperialista ocidental ou "Asili" se constitui como uma máquina de dominação que se baseia na existência de uma humanidade única - branca, masculina e "cishétero" -, na qual todo aquele diferente dela é destituído de suas capacidades, brutalizado, animalizado, útil apenas para ser usado, moído para as necessidades de valorização do enredo colonial e posteriormente capitalista.

Desde o colonialismo opera um dispositivo de racialidade (Carneiro, 2023), que classifica pessoas com base na cor da pele e em seus traços físicos, esse dispositivo estabelece um sistema de hierarquização de corpos e saberes, do qual aqueles que se distanciam do branco-universal são subalternizados e silenciados, consagrados como não sujeitos: seres passivos resumidos a força de trabalho que deve ser comercializada para a precária sobrevivência, além de não serem considerados produtores de conhecimento, arte, sociabilidade.

Na direção contrária desse chamado "epistemicídio" (Carneiro, 2023), a população afro-ameríndia ou *afropindorâmica* (Bispo dos Santos, 2015), construiu meios de luta contra à exploração, o apagamento e a brutalização de seus corpos e culturas, seja através de estratégias de incorporação do modelo ocidental, como ocorreu no sincretismo religioso com a igreja católica (Nascimento, 2016) nos ritos afrobrasileiros das umbandas, por exemplo, ou por meio da construção de espaços-tempo com lógicas de funcionamento e sociabilidade diferentes da



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

instituída pelo ocidente, como os Quilombos e Terreiros, que, resgatando a ancestralidade e outros paradigmas ético-político existenciais, possibilitavam o transbordar do ser para além da condição de “não-ser” imposto a eles.

Ao nos inclinarmos sobre os Terreiros de Candomblé, nos aprofundamos em uma infinidade oceânica, que resistiu bravamente ao longo dos tempos. O candomblé vai muito além do seu papel religioso - vale aqui destacar a importância do âmbito litúrgico, porém analisamos aqui para além dele -, é uma cultura que molda valores, formas de ser e ver o mundo e se relacionar em coletivo que moldam a vida e a identidade dessas comunidades. Os terreiros de candomblé, para além de lugares sagrados, se transformam em fortalezas de cuidado do corpo negro, de valorização cultural e preservação da tradição e memória afro-brasileiras, afrontando as persistentes adversidades históricas que tentaram silenciá-las.

É dentro dessa configuração, de resistência, re-existência e recusa à dominação e ao genocídio presente nos Terreiros, que localizamos a identidade e a cultura negra-brasileira, que pode ser caracterizada como um conjunto de jogos, fortemente marcados por sua ligação com a ancestralidade afro-diaspórica, a espiritualidade e a noção de família ampliada, produzidos e reproduzidos pela população afripindorâmica do país (o que não significa que seja exclusiva a ela, já que esses jogos, por serem de uma densidade simbólica assimilável pelo corpo-coletivo cultural brasileiro, irradiam para aqueles que não participam desse grupo), onde, com suas mais diversas expressões, se estabelece territórios (físicos ou abstratos) de escape a tudo aquilo que oprime, possibilitando a essas pessoas, nem que seja momentaneamente, habitar outros arranjos de vida que não o imposto pela cultura ocidental - marcada pelo antropoceno e pela mercantilização da vida, nos termos de Sodré (2019).

Cabe destaca, por fim, a partir dos estudos de Sodré (2019), que há uma *arkhé negra-brasileira* uma forma social de ser-estar a partir dos Terreiros e suas culturas. Essa *arkhé* pode ser caracterizada pelo estabelecimento de relações, seja com a natureza ou com outros sujeitos e coletividades, que partem de locais de resistência para produzir espaços de recusa, permitindo a constituição de lógicas diferentes da dominante, ou seja, o ressignificar de sentidos e a criação de “novos” mundos com base no resgate da vida e dos ensinamentos daqueles que vieram antes de nós e foram considerados primitivos e atrasados por terem modos de sociabilidade não condizentes e funcionais ao ocidente capitalista e seu movimento de acumulação desenfreada, estando localizada justamente nessa “volta à terra”, nessa territorialização, uma das características fundamentais para a construção de um futuro para a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

humanidade, ou melhor dizendo, como elabora krenak (2019), para as humanidades. Assim, são nesses jogos de dança, de culto, de território, pautados na cultura e identidade negra-brasileira que povos de Terreiro reconstituem sua humanidade e constroem novas formas de se relacionar com mundo, onde a memória, o culto, o ritmo e a ancestralidade vão ter espaço central (Sodré, 2019).

O candomblé é como uma dança da memória, em que cada batida do atabaque, cada dança e saudação em roda, cada banho de erva nos conecta com o sagrado-ancestral nos impulsionando para o futuro das boas - mas não fáceis - possibilidades. É assim que toda e cada performance conta a história de um povo vivo, se tornando uma expressão ativa da herança cultural brasileira, reiterando suas raízes africanas e afirmando uma concepção de identidade que ultrapassa a abordagem estritamente antropológica, abraçando dimensões políticas, econômicas, culturais, ético-existenciais e de resistência.

Onde as sombras das desigualdades tentam ocultar as tradições, os terreiros de candomblé se mantêm como as águas do oceano, se movendo como o vento, guardando segredos antigos e profundos, bem como nos convidando a imaginar, sonhar, pensar e explorar. Enquanto um espaço de, (re)orientação, potência ético-política e reconhecimento para as comunidades afro-brasileiras, se mantêm de pé - no chão - como forma social da identidade negra-brasileira.

Referências

ANI, Marimba. **Yurugu: Uma Crítica Africano-Centrada do Pensamento e Comportamento Culturais europeu** (Original: Yurugu: An African-Centered Critique of European Cultural Thought and Behavior). NJ, EU.: Africa World Press, 1994. Tradução de coletivos negros disponível na internet.

BRASIL. **Constituição de 1824**. Coleção das leis do Império do Brasil, Rio de Janeiro, p. 7, v. 1, 1824. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao35041-25-marco-1824-532540-publicacaooriginal-14770-pl.html> . Acesso em 14 dez. 2023

_____. **Lei de 16 de dezembro de 1830**. Manda executar o Código Criminal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm . Acesso em 02 dez. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. **Ensaios filosóficos**, v. 13, p. 153-170, 2016

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. Por uma concepção amefricana de direitos humanos. **Direitos Humanos e Cidadania no Constitucionalismo Latino-Americano**, v. 1, p. 235- 255, 2020.

REDE NACIONAL DE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. **Relatório** apresentado na Conferência da ONU, Genebra, 2022. Reportagem disponível em:
<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/11/15/quase-metade-dos-terreiros-do-pais-registr-ou-ate-cinco-ataques-nos-ultimos-dois-anos-mostra-pesquisa.ghtml> Acesso em 10 julho 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Mauad 2019.